



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS VERNÁCULAS

WENIA CARVALHO DOS SANTOS

**O USO DA REDE SOCIAL FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE
ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA**

Itaituba

2017

WENIA CARVALHO DOS SANTOS

O USO DA REDE SOCIAL FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia de Graduação apresentada ao Curso de Letras Vernáculas da Faculdade de Itaituba para obtenção do título de Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof. Especialista Railane Esmeralda Cruz Figueira.

Itaituba

2017

WENIA CARVALHO DOS SANTOS

O USO DA REDE SOCIAL FACEBOOK COMO FERRAMENTA DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

Monografia de Graduação apresentada para a obtenção do título de Licenciada Plena em Letras Vernáculas pela Faculdade de Itaituba.

Orientadora: Prof^a. Esp. Railane Esmeralda Cruz Figueira.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____ Nota: _____

Prof^a. Dra. Djalмира Sá Almeida

Orientadora: _____ Nota: _____

Prof^a. Esp. Railane Esmeralda Cruz Figueira

Avaliador(a): _____ Nota: _____

Prof^a. Esp. Walbea Lúcia Lobato Martins

Resultado: _____ Média: _____

Data: 18 de Março de 2017

À minha família que é a certeza do amor de Deus na
minha vida, dedico esta conquista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente ao meu bom e maravilhoso Deus, por me proporcionar forças, saúde, sabedoria e coragem para superar os obstáculos que surgiam no decorrer desta caminhada;

Meus filhos Wendy Suzane, Luiz Eduardo, Kaila Vitoria e Ana Laura; A minha mãe Maria de Fatima;

Meu esposo Wildemberg que esteve ao meu lado, apoiando-me, sua compreensão foi o que me levou a chegar até aqui.

Minha orientadora, professora Railane Esmeralda Figueira pela dedicação, paciência e carinho que sempre me atendeu;

À professora Maria Lucia Figueira Costa Cruz que me acolheu em sua casa quando precisei;

Agradeço também a minha colega de trabalho professora Maria Beatriz Rodrigues Almeida, todos os meus colegas professores, que participaram da construção do meu aprendizado;

Minhas colegas de classe que me ajudaram nos momentos de dúvidas. E minhas amigas, do alojamento;

Não posso esquecer de agradecer a Dona Diogenes Vitoria Pinalli, pois ela foi como uma ponte que me ligou a esta academia.

E, por fim, agradeço a instituição de ensino que me acolheu de braços abertos e contribuiu com meu crescimento.

É preciso estar atento às novas tendências tecnológicas, porque se o homem muda a linguagem também se transforma e a metodologia de ensino não pode ficar de lado.

Maria Paula Santos

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso tem como proposta oferecer aos professores de Língua Portuguesa metodologias de ensino tendo como ferramenta as redes sociais, mais especificamente, o facebook. Nesse contexto, considera-se que as redes sociais podem ser eficazes no processo de ensino/aprendizagem, proporcionando maior interatividade e participação dos alunos em determinados assuntos, nesse caso, contribui para o desenvolvimento da escrita e leitura. É importante salientar que o ensino da Língua Portuguesa precisa ser tratado de forma inovadora, sem que os alunos sejam submetidos a exercícios estanques e desconexos com a realidade que os circunda. Contudo, uma constante vigilância do professor se faz necessária. As redes sociais podem se tornar um risco à exposição excessiva da imagem, danos à reputação, propagação de vírus, roubos de dados pessoais, além de um convite a pessoas mal intencionadas. Com um cuidado e atenção ao que os alunos estão postando nos ambientes criados para esse processo de educação e, acima de tudo, conscientizando-os dos benefícios e perigos da popularização nas redes, o resultado pode ser extremamente satisfatório. Essa monografia foi realizada a partir de pesquisas bibliográficas e tem como público alvo professores que trabalhem com 1º ano do Ensino Médio.

Palavras-chave: Ensino da Língua Portuguesa. Metodologia. Redes Sociais.

ABSTRACT

This Course Conclusion Paper aims to offer Portuguese Language Teachers methodologies of teaching with social networks as a tool, more specifically facebook. In this context, it is considered that social networks can be effective in the teaching / learning process, providing greater interactivity and participation of students in certain subjects, in this case, contributes to the development of writing and reading. It is important to emphasize that Portuguese language teaching needs to be treated in an innovative way, without students being subjected to watertight and disconnected exercises with the reality that surrounds them. However, constant vigilance of the teacher is necessary. Social networks can become a risk of excessive image exposure, reputation damage, virus spreading, stealing of personal data, as well as an invitation to malicious people. With care and attention to what students are posting in the environments created for this education process and, above all, raising awareness of the benefits and dangers of network popularization, the result can be extremely satisfying. This monograph was based on bibliographical research and has as a target audience teachers who work with the 1st year of High School.

Keywords: Teaching of the Portuguese Language. Methodology. Social networks.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	12
2.2 O ADVENTO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS	15
2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS	17
2.3.1 Gêneros textuais virtuais	19
2.4 REDES SOCIAIS EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS	26
3 METODOLOGIA	30
3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	30
4. RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS	32
4.1 REDES SOCIAIS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA	32
4.2 PROPOSTAS METODOLÓGICAS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO DE REDES SOCIAIS	33
5. CONCLUSÃO	39
REFERÊNCIAS	40

1 INTRODUÇÃO

É inegável o fato de que as redes sociais virtuais estão cada vez mais tomando conta do dia a dia das pessoas, no sentido de informar, entreter, aproximar amigos e familiares distantes. Hoje em dia é impossível não reconhecer a importância dessas redes como meio comunicativo, uma vez que com a popularização da internet e do aparelho celular, ficou muito fácil e prático pertencer a esses sites de relacionamentos. Muitas são as opções e tamanha a possibilidade de se conectar a uma rede social. Elas se diferenciam por público alvo, características funcionais, maior ou menor aceitação popular e interesses dos usuários. Mas todas se unem num mesmo propósito: conectar cada vez mais pessoas, proporcionando uma maior interação entre elas.

Nesse contexto, os jovens estudantes estão cada vez mais interados nesse mundo virtual. Por outro lado, há uma discussão ferrenha no espaço educacional no que diz respeito ao acesso de celulares em sala de aula, uma vez que isso tira a atenção dos alunos e os tornam alheios ao que realmente é necessário se fazer em sala de aula. Assim, o celular com acesso aos sites de relacionamentos é um verdadeiro vilão quando o assunto é aluno no contexto escolar.

Dessa maneira, fica uma situação conflitante na qual de um lado, os professores tentam de todas as formas evitar o contato dos alunos com o celular e estes, por sua vez, tentando se livrar de aulas enfadonhas e cansativas, com exercícios intermináveis de decoreba e repetição.

Nesse contexto, a presente pesquisa tem como proposta aliar as aulas de Língua Portuguesa ao sucesso e aceitação das redes sociais. Assim, ao transformar as redes sociais, especificamente o facebook, em ferramenta de ensino, pretende-se inserir o aluno nas perspectivas de ensino da Língua Portuguesa por meio das redes sociais.

Esta monografia foi realizada por meio de pesquisa bibliográfica em que diversos autores contribuem com a questão. Foi dividida em 5 capítulos, sendo introdução, com justificativa e objetivos; Fundamentação Teórica enfatizando as principais teorias acerca do ensino de Língua Portuguesa e Sites de Relacionamentos; Metodologia; Resultado e discussão com propostas claras de ensino e no 5º capítulo com as considerações finais acerca da temática.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS SOBRE O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com Antunes (2009) um dos maiores equívocos relacionados ao ensino/ aprendizagem da Língua Portuguesa consiste em se acreditar que o conhecimento da gramática é suficiente para se conseguir ler e escrever com sucesso os mais diferentes gêneros de texto, conforme as exigências da escrita formal e socialmente prestigiada.

Somente com base nesse equívoco é que se pode justificar o apego dos professores e de toda a comunidade escolar, os pais inclusivamente. Nesse tipo de ensino, constata-se até mesmo certa impaciência para que, ainda cedo, ele seja devidamente iniciado.

Considerar o ensino gramatical como única prática nas aulas de Língua Portuguesa é ledor engano: como se diz, mais propriamente, em páginas da literatura. Compreender ou fazer um texto- um relatório, um artigo, um editorial, uma carta, um requerimento, por exemplo- exigem muito mais que conhecimentos de gramática. (ANTUNES, 2009, p. 45)

A concepção simplista de que basta saber gramática para falar, ler e escrever bem funda-se na esteira daquele primeiro equívoco: o de que a gramática equivale à língua. O conhecimento gramatical basta somente para assegurar o sucesso na elaboração de textos escritos e falados, em situações da interação pública e conforme, são as regras da linguagem formal e do dialéto de prestígio. Fica sem fundamento, portanto reduzir a condição para o uso da língua, apenas a uma competência de ordem gramatical. Ninguém fala, ouve, lê ou escreve sem gramática, é claro; mas a gramática sozinha é absolutamente insuficiente. (ANTUNES, 2009).

Na verdade, a gramática é insuficiente, pois a interação verbal requer ainda: o conhecimento do real ou do mundo; o conhecimento das normas de textualização; o conhecimento das normas sociais de uso da língua. Naturalmente, se falamos para estabelecer relações entre nós e o mundo, nada mais evidente que precisemos conhecer esse mundo do qual falamos ou, pelo menos, imaginar um outro, com base no que já conhecemos.

Quer dizer, a linguagem tem como objeto de significação as coisas que compõem a realidade, seja ela a realidade experimentada exatamente, seja a outra sentida internamente, desejada, imaginada, projetada, simulada. Não importa: falamos das coisas que têm qualquer tipo de existência. Daí por que, em todos os nossos textos, é desnecessário dizer absolutamente tudo, pois nossos interlocutores partilham conosco muito do conhecimento adquirido.

Portanto, não é apenas o material linguístico que dá sentido àquilo que ouvimos ou lemos. Noutras palavras, o sentido não está totalmente expresso ou explícito no texto, sobretudo quando o interlocutor tem a competência de dizer apenas o que ele supõe que o outro ainda não sabe.

Tudo o que é necessário para se entender ou para se fazer um relatório, um aviso, um convite, um artigo, um resumo, uma resenha, por exemplo, vai além da gramática e do léxico da língua.

Efetivamente podemos já concluir, a atividade da linguagem é muito complexa, pois mobiliza tipos bem diferentes de saberes e de competências. Em termos bem gerais, podíamos começar lembrando que ninguém fala o que quer, do jeito que quer, em qualquer lugar. Existem também os bem-comportados e os mal-comportados comunicativamente. Isto é, em toda cultura, prevalece um conjunto de normas que especificam quem pode falar, o quê, como, com quem e quando. Ou seja: qualquer atividade de linguagem é uma atividade socialmente normatizada e, assim, regulada.

Portanto, ser comunicativamente bem-sucedido é mais que uma questão de saber gramática, de saber analisar frases e reconhecer as funções sintáticas de seus termos. No Brasil desde a década de 80 existe a preocupação em melhorar a qualidade do ensino de Língua Portuguesa, por conta do fracasso escolar em relação à questão de leitura e escrita.

Devido à dificuldade que a escola tem de ensinar a ler e a escrever tem aumentado o nível de repetência, principalmente nos anos iniciais em relação a alfabetização e no 5º ano em relação ao uso desta aprendizagem.

Esta dificuldade, porém, não se encontra somente no Ensino Fundamental, está também no meio universitário, com relação à dificuldade na compreensão de textos e isso fez com que as instituições de Ensino Superior tomassem medidas na hora dos exames, optando por questões dissertativas em vez de múltipla escolha, tendo como peso maior a redação.

Logo, as práticas tradicionais de alfabetização passaram por um processo de revisão e transformação e graças à produção científica houve uma melhora na qualidade do ensino, servindo de referência para professores. Esta mudança no processo de alfabetização teve um grande impacto na educação, fez com que o foco de ensino mudasse: de como se ensina, para como se aprende.

Os resultados dessa melhoria fizeram com que crianças de classes menos favorecidas tivessem um contato maior com uma linguagem culta, por meio de atividades desenvolvidas na escola com maior frequência. Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais:

Com o deslocamento do eixo da investigação das questões do ensino para questões da aprendizagem, foi possível compreender que as crianças sabiam muito mais do que se poderia supor até então, que elas não entravam na escola completamente desinformadas, que possuíam um conhecimento prévio. (BRASIL, 1997, p.21).

Também é preciso que os problemas relacionados ao ensino de língua portuguesa sejam solucionados, como por exemplo, a falta de leitura e interpretação dos textos, as evasões da língua portuguesa, a pronuncia das palavras, as concordâncias verbais, entre outras. Vale ressaltar que "a leitura é a extensão da escola na vida das pessoas". A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. "A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma". (CAGLIARI. 1992 p.148).

Portanto, o ensino de Língua Portuguesa precisa ser valorizado não somente na escola, mas no mundo, pois é através da linguagem que o mundo se desenvolve e se torna capaz de argumentar e interagir. É preciso termos alunos críticos diante da sociedade e para isso é indispensável o conhecimento e a valorização da Língua Portuguesa.

Além disso, o ensino de Língua Portuguesa vive atualmente, assim como todas as outras disciplinas, um momento de revisão de seus princípios, objetivos e principalmente de suas metodologias. Nos dias atuais, tais atitudes estão sendo analisadas e revisadas por educadores e estudiosos da área, de acordo com Freire (1996) o professor deve respeitar o educando considerando seus gostos, conservando sua curiosidade em busca do saber. e sua linguagem.

Surgem então os desafios do ensino da Língua Portuguesa, pois o professor se vê perdido em meio à pedagogia tradicional, que descarta a linguagem coloquial e a considera totalmente errada, e às novas concepções de ensino em que a linguagem de cada um e seus dialetos devem ser respeitados, cabendo ao professor promover um ensino que possibilite aos alunos escolher a língua funcional adequada para cada situação ou momento, Santos (2009).

Outros desafios podem ser observados no processo de alfabetização, um deles é a utilização dos antigos métodos, que levam os educandos apenas a decodificar e codificar os símbolos linguísticos, deixando de lado a importância do letramento que permite ao aluno fazer reflexões sobre tudo aquilo que está sendo estudado, ou seja, é preciso propiciar condições para que o educando possa fazer relação entre o seu cotidiano e as novas descobertas, sendo capaz de interpretar e perceber que a leitura e a escrita são práticas sociais utilizadas para expressar sentimentos, ideias e conhecimentos.

É relevante que o professor entenda a necessidade de oferecer atividades que estimulem os alunos e os façam pensar. Deve-se ainda, ter consciência de que "a atividade que promove o conhecimento caracteriza-se por ser significativa produtiva e desafiadora" (NASPOLINI, 1996 p.13), ou seja, é preciso que a atividade tenha significado para o aluno, levando-o a refletir sobre determinado assunto, que ele possa utilizar os conhecimentos já adquiridos para a aquisição de outros e que se sinta desafiado a sair de sua zona de conforto, sendo estimulado a desenvolver as atividades propostas.

Dessa maneira, o ensino deixa de ser mecânico e passa a ter significação para aqueles que estão no processo de aprendizagem. Pode-se dizer que são muitos os desafios encontrados ao longo do ensino da língua portuguesa, todavia o professor pode e deve fazer a diferença em sala de aula, pois é o comprometimento e a responsabilidade dos educadores que tornarão o ensino mais adequado, tanto a necessidade do aluno quanto às suas expectativas.

2.2 O ADVENTO DAS REDES SOCIAIS VIRTUAIS

Atualmente, as redes sociais virtuais tornaram-se de maneira tão intensa popularizadas, que dificilmente se encontra uma pessoa que não participe de

alguma dessas redes de relacionamento ou, pelo menos, que tenha conhecido alguém que tem ou já teve contato através destas.

De acordo com Buzato (2010, p. 33) rede é definida como sendo uma palavra polissêmica, ou seja, em discursos variados e, por vezes, desconexos, acerca do que chamamos de 'realidade'. "Atualmente, vivenciamos o advento e a enorme popularização das redes sociais virtuais". Elas, através da transmissão de dados pela internet, nos conectam não só a amigos e familiares, mas também a personagens fictícios, empresas, ídolos, jornalistas, líderes políticos, dentre um elenco de possibilidades.

Como observou Levy (1996), há mais de quinze anos atrás, os membros de uma comunidade virtual reúnem-se por núcleos de interesses e a questão geográfica não mais atua como ponto de partida ou elemento coercitivo dessa reunião. Não é mais preciso morar no mesmo bairro, estudar na mesma escola ou viver no mesmo país para pertencer à mesma rede. É fácil perceber como as redes sociais virtuais vão muito além das físicas, quando pensamos em troca de informações.

Ricardo (2014) explica sobre esse novo fenômeno que são redes sociais, onde esclarece que as virtuais potencializam nossa ligação a redes cada vez mais amplas e mais diversas. Hoje em dia é impossível não reconhecer a importância dessas redes como meio comunicativo. Muitas são as opções e tamanha a possibilidade de se conectar a uma rede social.

Elas se diferenciam por público alvo, características funcionais, maior ou menor aceitação popular e interesses dos usuários. Mas todas se unem num mesmo propósito: conectar cada vez mais pessoas, proporcionando uma maior interação entre elas.

De acordo com o autor, é desta forma, que ignorar a influência dessas redes virtuais na vida das pessoas e, conseqüentemente, não se trabalhar com elas no ambiente educacional, principalmente, no ensino de língua portuguesa pode ser um fator limitador. Numa sociedade cada vez mais acostumada a gêneros textuais escritos emergentes e multifuncionais, torna-se imprescindível o uso das redes sociais no trabalho com o multiletramento.

Novos gêneros textuais surgem constantemente em virtude dessa nova demanda da sociedade conectada. Não se apropriar deles para discussões, análises e produções é deixar escapar a oportunidade de modernizar as aulas de

língua portuguesa, de se aproximar dos alunos e tornar as aulas não somente interessantes, mas também, bastante produtivas. Esses gêneros emergentes e inovadores exigem novas habilidades de leitura e escrita, que com a mediação e acompanhamento do professor podem se tornar ferramentas importantes para a vida profissional e escolar de nosso alunado.

Ainda neste sentido Azevedo(2012, p. 22) complementa explicando o vislumbre e influência das redes sócias diante da vida do adolescente, muitos alunos se deixam levar pelo encantamento da rede e esquecem de que estão possibilitando a outros o acesso às suas informações pessoais.

A socialização de tais informações muitas vezes pode trazer, problemas pessoais e até mesmo profissionais. Existem aqueles alunos que usam de uma linguagem nem um pouco convencional, para se comunicar com os outros, utilizam-se até de palavras de baixo calão. Ambas afirmam que estamos diante de um novo ambiente de uma nova geração em que o jovem está fazendo cada vez mais cedo suas opções e com isso tomando e formando sua consciência crítica.

Portanto, Silva (2011) esclarece dentro do contexto e ambiente escolar que existe um nova preocupação dentro das escolas atualmente, pois o professor não tem total acesso a ligação do aluno com a internet, causando assim as vezes grandes problemas, que em podem ter sido gerado nas ruas, e que possivelmente podem refletir na escola.

Todas as inovações da internet transformam a relação do aluno e o meio ambiente, mudanças essas que permite o aluno ser quem ele quiser por detrás da tela do computador, ou seja, o mesmo cria uma nova identidade diferentemente da sua realidade, o anonimato é tanto benéfico como maléfico, pois dá o direito de liberdade de expressão que permite a expansão de informações.

2.3 CONSIDERAÇÕES SOBRE GÊNEROS TEXTUAIS

De acordo com Koch, (2009), as pessoas se comunicam linguisticamente através de textos, que podem se manifestar na modalidade escrita ou oral. A maneira como utilizamos a linguagem é definida pela situação de comunicação. Desse modo, interage-se por meio de textos que assumem as mais variadas formas, de acordo com as circunstâncias comunicativas.

Considerando nosso conhecimento cotidiano sobre os textos, selecionam-se as formas textuais adequadas de acordo com alguns elementos das interações, tais como, interlocutor e situação de interação. Esses elementos, que influenciam na produção textual, configuram as “condições de produção”, que se referem a tudo que envolve uma situação de comunicação: local, momento, posição social dos participantes, tema a ser tratado, ambiente em que se encontram finalidade da comunicação, dentre outros (GOLDSTEIN, LOUZADA e IVAMOTO, 2009).

Desse modo, pode-se dizer que cada texto realiza um gênero textual adequado a sua situação de comunicação. De acordo com (MARCUSCHI, 2008). Gênero textual é a concretização do texto em seu formato e função definidos social e discursivamente. Assim, diz-se que gêneros textuais possuem formatos relativamente estáveis, uma vez que somos capazes de identificá-los e diferenciá-los.

No entanto, não são estáticos, pois podem variar em seus aspectos e em significação, dependendo da situação comunicativa. Na medida em que se aprende uma língua, aprende-se a reconhecer e a produzir gêneros textuais. Na infância, por sua vez, reconhece-se intuitivamente a formação de diversos textos e na escola, tem-se essa consciência melhor sistematizada. A “competência comunicativa”, ou seja, a capacidade que se tem de perceber a necessidade de produzir, distintamente, textos que se adequem às situações de comunicação, é fator essencial que nos permite identificar e produzir diversos gêneros textuais.

Por conta de se vivenciar diferentes situações comunicativas, reconhece-se, através de pistas textuais, que se está diante de uma propaganda, de uma receita, ou de uma bula de remédio, por exemplo. Assim, os textos são compostos nas circunstâncias interativas, a partir de necessidades específicas. Desse modo, um gênero textual é determinado por sua função ou finalidade.

Com o advento da escrita, por exemplo, o número de gêneros textuais existentes aumentou de maneira significativa. O que permitiu a criação de novos gêneros, tais como a carta, o bilhete e o memorando. O telefone possibilitou, da mesma forma, a constituição do gênero telefonema e celular, a constituição do SMS ou mensagem de texto. Semelhantemente, o computador e a *internet* permitiram a composição de novos gêneros, tais como o *e-mail*, o *blog*, o *chat*, dentre outros (XAVIER e MARCUSCHI, 2005).

E mais recentemente, o aparecimento das redes sociais (*Orkut, Facebook, Twitter, MySpace*) que permitem aos usuários da internet vivenciar as mais diversas relações para além das suas comunidades locais. E mais, essas redes têm como característica principal a interatividade em tempo real.

Vale dizer que nem sempre o surgimento de uma nova tecnologia propiciará a criação de um gênero textual novo. E do mesmo modo, é importante frisar, que novos gêneros textuais são constituídos a partir de velhas bases. Nesse sentido, pode-se observar que a carta é um gênero textual semelhante a uma conversa, e, por sua vez, o *e-mail* nos remete a constituição de uma carta.

Consequentemente, todas essas transformações presentes na contemporaneidade, que surgem fora dos ambientes escolares, devem ser incorporadas às suas práticas de modo a favorecer ainda mais o processo de ensino-aprendizagem, visto que são ferramentas presentes cada vez mais no cotidiano dos jovens (SETTON, 2010).

2.3.1 Gêneros textuais virtuais

Primeiramente faz-se necessário, fazer uma definição geral de gêneros textuais. Para tanto, nas palavras de Silva (2011, p. 113) afirma que: os gêneros estão em nosso dia a dia, fazem parte de nossa vida, de nossa fala, de nossa comunicação, oral ou escrita. Pode-se observar que os gêneros orais são adquiridos quase que naturalmente, enquanto os escritos serão adquiridos de forma mais lenta e artificial, através da instrução formal. Dessa forma tem-se que os gêneros são muitos. Estão entendidos nessa categoria todos os tipos de textos, literários ou não. Cada um deles é identificado por suas características funcionais e pelos contextos de uso.

Ainda neste sentido, os parâmetros curriculares Nacionais de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental (PCNS), direciona bem essas particularidades.

Todo texto se organiza dentro de determinados gênero em função das intenções comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, as quais geram usos sociais que os determinam. Os gêneros são, portanto, determinados historicamente, constituindo formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura. [...] A noção de gênero refere-se, assim, a famílias de textos que compartilham características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literalidade. (BRASIL, PCN, 1998, p.21)

Considerando que os textos são organizados sempre dentro de um determinado gênero, deve-se ter em mente a relação entre eles e a produção de sentidos. Desse modo, é importante observar que deve existir uma coerência estilística em que o falante/ ouvinte adapte o seu texto ao tipo ou gênero textual que está produzindo, adequando vocabulário, estruturas, frases, etc. como se vê desde o nosso cumprimento mais simples, o que se dá entre nossos familiares todas as manhãs, até uma tese de doutorado, tudo é regido por regras específicas que não devem ser esquecidas, sob pena de produzirmos uma interpretação e até uma aceitação muito diferente da que pretendíamos para o nosso texto. (MARCUSCHI, 2008)

De acordo com Silva (2011) o estudo dos gêneros textuais traça um novo conceito que vem desde a década de 1960, junto com o interesse pela linguística textual, todavia estudos sobre os gêneros advindos com a mídia eletrônica são recentes e escassos. De início, deve-se deixar claro que as interações existentes na internet pertencem ao gênero escrito, se elas representam ou tentam representar a fala não importa, o fato é que, naquele local, materializam-se como escritos e é nesse formato que se apresentam.

As interações na rede (internet) constituem uma escrita peculiar. Se se acontece entre os adolescentes, geralmente são informais, menos ou não monitoradas, e tendem a priorizar a velocidade da escrita. O autor ainda relata a interação de massa a partir da internet acabou por gerar, entre muitos dos usuários da rede, uma linguagem cuja escrita foge a convencional de qualquer língua específica: o internetês.

Esse termo é um neologismo que se reporta exatamente à mensagem utilizada no meio virtual. Nessa linguagem, a paragrafação, a pontuação e a acentuação não coincidem com a estabelecida na língua, e as palavras sofrem mutações, que buscam suprimir ou acrescentar letras à ortografia convencional. As concordâncias nominais e verbais parecem que deixaram de existir e, quase na maioria das vezes, são banidas da escrita.

Silva (2011, p. 34) além da escrita particularizada, há ainda codificações que são universais como, por exemplo, os emoticons ou smiles, que são símbolos que expressam a emoção da pessoa que está fazendo uso desse meio de

comunicação. Muitos estudiosos apresentam opiniões diferentes sobre os efeitos do internetês no aprendizado dos estudantes.

Talvez ainda seja muito cedo para falar em consequências, mas o que deve ser lembrado é que, há algum tempo, as escolas tinham como função, entre outras, ensinar como se escrevia um telegrama, com as suas muitas particularidades, muitas abreviações e um formato predefinido. Salvo grande engano, não acreditamos que o fato de precisar aprender a escrever abreviado tenha estragado o aprendizado dos alunos.

Talvez alguém contraponha afirmando que a frequência com que escrevíamos telegramas (se alguém precisou um dia enviar um) era infinitamente menor do que a utilização que os jovens de hoje fazem dessa escrita na internet. Isso é verdade. Sendo assim, cabe ao profissional da educação, que também está inserido nesse mundo informatizado, mostrar a seus alunos que eles não devem utilizar a grafia da internet (o internetês) em outras situações.

Ela é válida lá, naquele meio, fora dele, não. Cada profissional, principalmente o professor de língua portuguesa, deve deixar isso bem claro. Errada ela é, mas lá, na internet, com quem entende, essa peculiaridade, este último é hoje uma das grandes ocupações da linguística textual, que atualmente está centrada no estudo dele.

Neste sentido, para melhor compreensão do assunto, o autor nos aclara que atualmente pode-se dizer que estamos vivenciando o surgimento de uma quarta delimitação, pois, na chamada *era digital*, com meios eletrônicos de que dispomos (televisão, rádio, celulares, internet, mp3, 4,5 etc), presencia-se uma nova explosão dos gêneros textuais, quer sejam orais ou escritos.

Silva (2011) esclarece que apesar de tudo que vivenciamos no presente momento histórico, precisamos ter bem claro que não são necessariamente as novas tecnologias, ou os novos meios de comunicação, que originam novos gêneros, e sim a intensidade de uso delas. Também é preciso que se saliente que os ditos "gêneros novos" não são em sua essência.

Eles são adaptações e readaptações (reaproveitamentos) do que já existia. Ao se pensar no email, por exemplo, que é descendente do bilhete e das cartas (comerciais ou não). Ele não coincide com nenhum dos dois e traz características de ambos. Da mesma maneira ocorre com a fala telefônica, que tem suas semelhanças com a fala face a face, sem deixar de ter suas especificidades.

2.3.2 Origem e expansão do Facebook

Atualmente uma das redes sociais mais usadas por jovens e adultos, tornando-se popular literalmente no planeta, onde os usuários publicam suas mensagens, curtem, compartilham, postam fotos de momentos em suas vidas, publicam suas atualizações entre outras tantas opções fornecidas pela página. O mesmo tornou-se, um diário eletrônico, onde segredos devem ser expostos, ao invés de guardados.

Diante deste sentido, Paiva (2002) esclarece que o Facebook é usado também com propósitos educacionais, ou seja, ele pode ser visto como um suporte extra que pode ajudar na interação aluno-professor, mas ainda não é reconhecido como uma ferramenta relevante de suporte ao ensino em geral.

A história do Facebook é uma história narrada, em grande medida e fruto das circunstâncias, na internet. A origem dele está associada à origem do Facemash, um website colocado online a 28 de outubro de 2003 por Mark Zuckerberg, um estudante universitário de Harvard, e pelos seus colegas Andrew McCollum, Chris Hughes e Dustin Moskovitz. Zuckerberg estava no segundo ano do curso de Psicologia quando escreveu o código do software para esse website, desenhado para os estudantes de Harvard, que permitia aos seus visitantes votar na pessoa mais atraente, com base em duas fotografias de estudantes, apresentado lado a lado, provenientes da base de dados de identificação dos alunos daquela instituição. O facebook oferece características fundamentais que promovem a comunicação que:

Inclui um sistema de "mensagens" que permite diálogos privados, bem como um "mural" de comunicações de caráter mais público (Grimmelmann, 2009). Além destes dois sistemas, a *homepage* (ou página inicial do Facebook) exibe toda a informação que está especificamente relacionada com o utilizador, de forma centralizada e atualizada em tempo real, incluindo um calendário personalizado de eventos e um *feed* de notícias, onde os contributos mais recentes dos amigos do utilizador são mostrados por ordem cronológica. . (PAIVA, 2002, p. 32)

O Facebook oferece aos seus utilizadores, com um simples clique, formas rápidas e fáceis de interação social: cumprimentar um amigo (denominado "poke"), enviar mensagens simples, ou indicar aprovação a um comentário ou imagem através do botão "gosto". É também possível comprar ou vender itens no marketplace e encontrar entretenimento na página de jogos.

Segundo Ries (2010), em 2010 existiam mais de 900 milhões de objetos ou elementos virtuais, sob a forma de grupos, eventos e páginas comunitárias, com os quais os utilizadores do Facebook podiam interagir. Ries (2010, p. 16) explica a respeito dessa rede social

O facebook tem varias finalidades, que cabe ao usuário usar da maneira que lhe agrada. O facebook é uma boa amostra virtual do mundo real. Lá estão crianças (apesar das normas que estipulam a idade mínima de 13 anos) e adultos de várias partes do mundo, de crenças e culturas diferentes e com hábitos e intenções diferentes. O facebook é também um sistema adaptativo, pois é sensível a feedback. Os participantes aprendem uns com os outros e reagem a retornos. Assim, o sistema aprende, muda, evolui e se adapta. Existe também a utilização de figurinhas ou emoticons durante as conversas ou até mesmo nos comentários, esses emoticons são utilizados para superar a ausência das expressões faciais e dos elementos paralinguísticos. Outra característica do facebook é a não linearidade: os efeitos gerados nessa rede social não são necessariamente proporcionais às suas causas. Uma pequena contribuição de um de seus membros pode ter um efeito desproporcional à sua origem e levar a uma revolução interativa. Outras vezes uma mensagem importante não merece a mesma atenção. Esse efeito desproporcional às causas foi nomeado de efeito borboleta por Lorenz (2001) efeito este que pode causar consequências imprevisíveis

Jane (2013, p. 128) considera que se vive um momento de pouca leitura por parte de nossos alunos. Entre as várias atividades de entretenimento, certamente a leitura não ocupa o primeiro lugar na preferência dos jovens. Ler é uma atividade que exige concentração e sossego. Não conseguiremos compreender e interpretar o que estamos lendo em lugares barulhentos, com pouca iluminação. Não há dúvidas que um livro pede dedicação para quem está com ele.

Nossos jovens, principalmente a partir do sexto ano (antiga quinta série), estão vivendo em um mundo em que as informações e os atrativos são rápidos, variados e descartáveis. Se se olhar o mundo que se tinha no passado, compreende-se porque os jovens eram leitores e escritores mais vorazes. Há não muito tempo não havia internet, shopping centers, programas não atrativos na televisão como temos agora. Os jovens de um passado recente tinham poucas opções, logo, ler ajudava a descobrir um mundo do qual só tínhamos notícias por jornais e revistas.

Também a postura e as fases de crescimento e amadurecimento eram outras. As crianças eram crianças por mais tempo do que hoje. A adolescência chegava bem mais tarde, uma vez que os meios de comunicação não tinham uma

influência tão grande na sociedade. No mundo atual, programas de televisão incentivam crianças de dez anos a se tornarem pré-adolescentes, preocupadas com o vestir, maquiar, comprar e fazer. Não existe, em grande parte das programações da TV aberta brasileira, programas que incentivem o hábito da leitura. Sendo assim, torna-se cada vez mais raro encontrar alguém que mergulhe no mundo das palavras.

Além de tudo isso, tem-se os estereótipos criados pela mídia. Os jovens que vão ao shopping center, as “patricinhas” ou os “mauricinhos” que estudam pouco, são os modelos de modernidade que segundo os meios de comunicação, devem ser seguidos. Para o aluno estudioso e leitor é o chato, aquele de quem todos devem fugir, pois este não é nem um pouco interessante.

Na crônica O chato, da autora Martha Medeiros(2006,p.36-37) conta que uma mãe a abordou e disse que seu filho adorava ler. Relatou que ele adorava literatura e poesia e que não conseguia pegar no sono sem a companhia de um livro. Essa mãe, no entanto, teve a preocupação de dizer que o filho, embora tenha o hábito da leitura, não é chato. A partir dessa afirmação, Martha questiona o que é ser chato. Mostra que qualquer um pode ser chato, e que pessoas que gostam de leitura são as mesmas que vão às festas, gostam de sair e ter amigos.

A cronista deixa bem claro que sempre classificamos aquele que lê e gosta de poesia como um chato. Quem inventou isso? Basta olhar para os programas direcionados para os jovens que vamos encontrar esse tipo nerds sendo rejeitado por todos os outros que são descolados e, é claro, não leem.

Outro fator que ajuda os nossos jovens a não ler é a postura dos pais. Antigamente, o homem trabalhava e a mulher ficava em casa, cuidando dos filhos. Logo, a televisão não era uma “babá eletrônica”, pois os horários para se ficar em frente ao aparelho eram combinados e poucos.

Além disso, à noite, o pai ou a mãe liam histórias para os seus filhos antes destes dormirem, uma vez que não havia DVDs e videocassetes para fazerem as crianças pegarem no sono. Hoje tem-se pais e mães que trabalham muito para saciarem todas as necessidades consumistas e impostas pelos meios de comunicação e que, por isso, deixam seus filhos nas mãos de babas e em escolinhas ou creches lotadas de pessoas com profissionais pouco preparadas. Nesse contexto, são raros os casos em que a televisão e os DVDs não sejam os companheiros mais constantes das crianças.

Quando os pais chegam em casa à noite, exaustos e preocupados com os problemas cotidianos, não têm mais paciência para ler vários livrinhos para os filhos dormirem. Sem opção, as crianças se apegam, novamente, à televisão, e os adolescentes, à internet.

Sem sombra de dúvida, a internet tem um papel muito importante nesse contexto de pouca leitura. Nossos jovens preferem ficar horas em sites de relacionamento, comunicando-se por meio de teclados e usando, para isso, o “internetês”.

Além disso, a rede mundial de computadores trouxe o mundo para dentro de casa. Acompanhamos as notícias e os fatos em tempo real, com a vantagem de tudo virmos acompanhando de inúmeras imagens coloridas e grandes. Se observarmos os sites determinados aos jovens, percebe-se que não há muito texto, mas grandes e atraentes fotos, figuras e imagens.

Não há, então, chance para a leitura de um livro, pois este tem muito texto e poucas imagens temos de, por fim, falar da escola como não formadora de leitores, pois basta procurarmos os projetos pedagógicos das instituições de ensino para percebermos os poucos ou inexistentes projetos de leitura.

Não há, nem por parte da coordenação pedagógica nem por parte dos professores, uma preocupação em fazer atividades que incentivem o hábito da leitura. Além disso, vive-se um momento tão grave no que se refere a leitura, que chegamos a ter em uma sala de aula professores que não gostam de ler nem de escrever.

Muitos dizem que não são professores de literatura, por isso não têm a obrigação de serem leitores, no entanto, quem escolhe a carreira relacionada ao ensino tem de estar consciente de que gosta de ler e ler vários livros são pré-requisitos básicos. Como pode um professor incentivar um aluno a ser leitor se ele mesmo não lê? Como pode um professor formar um escritor quando ele mesmo, pela falta de leitura não escreve? São esses professores que desconhecem a grande e valiosa gama de obras existentes na literatura infanto-juvenil.

Quando obrigados a indicar um livro para os alunos lerem, indicam para um sétimo ano, Machado de Assis e José de Alencar. Não há dúvidas da qualidade desses dois escritores brasileiros, mas tem-se de ter consciência que eles não são adequados para pré-adolescentes, tendo em vista o conhecimento de mundo deles.

De acordo com o autor Tapscott(2010), os jovens e crianças que já nasceram e estão crescendo imersos numa sociedade cada vez mais tecnologizada, os quais aprendem desde a infância a acessar e utilizar as tecnologias, principalmente as TIC's a serviço de seus interesses – lazer, estudos, relacionamentos, etc., e as redes sociais são um importante instrumento a serviço desses interesses.

A web hoje passou a ser um dos meios mais utilizados por estes jovens para se comunicar e obter acesso à informação; esse fato se explica por a net oferecer uma gama muito ampla de fontes de dados sobre algo e de forma mais rápidaatualizada e acessível ao usuário do que a maioria dos livros e outros materiais impressos, os quais nem sempre acompanham o ritmo das informações da forma que esse público deseja, ou seja, da forma a mais imediata, atualizada e acessível possível.

Nesse contexto, a educação hoje se depara com um desafio: como estabelecer com a geração net uma relação de ensino-aprendizagem que concilie os interesses desse público com os objetivos pedagógicos da escola? As redes sociais das quais milhares de jovens são usuários podem ser um aliado do ensino? Considerando esses elementos, esse texto discute as redes sociais e seus impactos na educação, focando especialmente as interferências, contribuições e limitações que o uso das mesmas pode trazer ao processo de ensino aprendizagem.

2.4 REDES SOCIAIS EM CONTEXTOS EDUCACIONAIS

Quando do uso das redes sociais no processo de ensino-aprendizagem na escola, deve-se levar em conta que as redes sociais, assim como outros recursos, necessitam ter uma proposta pedagógica norteando o seu uso na educação para que esse uso seja eficaz no processo de ensino-aprendizagem.

Por ainda ser uma alternativa didática cuja viabilidade está sendo alvo de estudos, há também restrições a serem consideradas em relação ao uso educacional das redes sociais. Um dos problemas mais apontados em relação ao uso das redes sociais é que as mesmas expõem seus usuários, uma vez que esses disponibilizam informações pessoais, mecanismos de contato (número de celular, endereço, etc.). (SILVA, 2009).

É fato que ao se ingressar numa rede social virtual, principalmente se essa for externa, a qual a escola não pode garantir a privacidade de uso, é necessário se adotar precauções em relação a quais informações pessoais irão circular na rede, de forma a evitar que as mesmas nos levem a sermos alvos de ações criminosas, sejam elas virtuais (assédio, cyberbullying, etc.) como também presenciais (roubos, violências diversas, trotes e outros procedimentos) desagradáveis.

Outro elemento que gera resistência em relação ao uso das redes sociais é o fato de que as mesmas não são acessíveis a todos – escolas que não possuem um laboratório de informática em boas condições de funcionamento, alunos que não tem acesso a um computador potente ou a internet com velocidade e definição suficientes para que possam realizar e acompanhar as atividades propostas, acabam se prejudicando em atividades que sejam desenvolvidas exclusivamente pelas redes sociais;

Outro problema detectado na realização de atividades pedagógicas através do uso das redes sociais é o fato de que é necessário um acompanhamento eficaz dos professores e outros profissionais, porque as informações publicadas na rede nem sempre podem ser removidas ou editadas.

De acordo com Silva(2009, .p. 47),“devemos ter cuidado com o que publicamos nas redes sociais (artigos, opiniões, dados pessoais, comentários, respostas a outros usuários, etc.), porque nem sempre podemos reformular ou remover essas informações”, o que pode gerar algum tipo de problema, tanto para quem publicou, como para quem é alvo daquela publicação; assim, os alunos necessitam de orientações claras e eficazes para não se prejudicarem na realização das atividades, principalmente aquelas de caráter avaliativo.

Ocorrência de dificuldades técnicas- tanto alunos como professores podem ter dificuldades no uso das redes ao se depararem com problemas técnicos tais como dificuldades no acesso, na execução de procedimentos (downloads, uploads, por exemplo) problemas de conexão, dificuldades no manuseio de softwares e aplicativos, entre outros.

A “ansiedade de comunicação”– os usuários iniciantes ficam ansiosos em saber se suas mensagens chegaram e também em receber respostas imediatas aos seus questionamentos; os usuários das redes virtuais devem saber que o “diálogo” apresenta diferenças em termos de velocidade entre perguntas e

respostas, principalmente em atividades assíncronas; determinados tipos de atividades na rede exigem um tempo diferenciado do real; Excesso de informações na rede ou "Infoglut" – esse termo se refere ao problema de excesso, de sobrecarga de informações na rede, ou seja, quando uma atividade na mesma é focada em algum objetivo educacional, deve-se ter um controle, um filtro em relação à quantidade e tipo de informações que circulam na rede, para evitar que informações que não são relacionadas aos objetivos da atividade acabem ocupando o espaço de outras mais necessárias e dessa forma confundam os alunos ou os tirem do foco do que estão fazendo; Problemas na administração do tempo- as atividades em rede podem se tornar mais extensas do que as atividades presenciais, por isso é necessário um planejamento e controle mais rigoroso do tempo para evitar a dispersão ou mesmo a desistência em relação às atividades;

Tanto professores como alunos devem ter condições de acompanhar as atividades propostas, e para isso o planejamento do tempo é fundamental; Dificuldades na condução das atividades (conversas, trabalhos, etc.)- as diversas atividades que ocorrem nas redes, para que contribuam no processo de ensino-aprendizagem necessitam ser planejadas de modo eficaz e de forma que sejam possíveis de serem realizadas pelos alunos; se o professor cobra demais ou de menos, não orienta os alunos, não estabelece objetivos claros a serem atingidos, os alunos podem se desmotivar ou mesmo construir concepções equivocadas sobre algo.

Desenvolvimento de competição ao invés de cooperação entre os alunos- é necessário cuidado no tipo de atividades solicitadas aos alunos e também na condução das mesmas, porque um dos objetivos das atividades em rede é promover a cooperação entre os alunos, mas um dos equívocos mais comuns é com que sejam propostas atividades que promovem a competição, a rivalidade e o individualismo, saindo da perspectiva de uma aprendizagem colaborativa.

Dificuldades no estabelecimento da dinâmica de grupo, participação desigual dos usuários, má comunicação, ausência de apoio institucional e de planejamento estratégico, são ainda outros problemas apontados pelos autores.

Além disso, se poderia ainda elencar outras dificuldades, mas as que foram apontadas aqui já são um indicativo que há muitos elementos a serem considerados para que o uso das redes, principalmente as virtuais sejam uma opção válida no processo de ensino-aprendizagem.

Através da cooperação entre os membros, é possível a construção coletiva do conhecimento. Se vários alunos cooperam uns com os outros, seja na produção ou comentários de um artigo de opinião, seja na produção de um trabalho em grupo; a construção do conhecimento vem de forma conjunta. Tal construção parte de iguais, de colegas de sala que não são uma figura, muitas vezes, distante como o professor. Todavia, esse conhecimento construído não precisa, necessariamente, vir da cooperação.

Ele pode surgir da exposição de conflitos argumentativos e, conseqüentemente, pela competição das ideias. Se dois alunos apresentam conflitos de ideias e se opõem na argumentação de determinada tese, postada em rede social, a competição por argumentos mais eficazes gera uma pesquisa, um maior envolvimento com o tema e uma construção de conhecimento para ambos.

Não se torna necessário que algum deles ceda às ideias do outro para que haja um vencedor. Através desses três princípios, mediados pelo professor, pode-se gerar argumentações concisas e coerentes, aprimorando a visão crítica de mundo e a força argumentativa dos alunos.

3. METODOLOGIA

3.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica, segundo Fonseca (2002), é feita a partir do levantamento de referências teóricas analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, página de web sites sobre o tema a estudar. Qualquer trabalho com caráter científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta.

As conclusões não podem ser apenas um resumo. O pesquisador tem de ter cuidado de selecionar e analisar cuidadosamente os documentos a pesquisar de modo a evitar comprometer a qualidade da pesquisa com erros resultantes de dados coletados ou processados de forma equivocada. (FONSECA, 2002).

Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações. Esse é o caso deste trabalho que busca informações acerca das teorias que abordam sobre o ensino da Língua Portuguesa por meio de redes sociais.

Conforme Gil (1995) a pesquisa bibliográfica permite ao pesquisador a cobertura de um grande número de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Esta vantagem se torna particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível para um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados sobre a população ou renda per capita; todavia se tem à sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com as informações requeridas.

Tem que se ter muito cuidado para a pesquisa bibliográfica não induzir ao erro. Para reduzir esta possibilidade, convém aos pesquisadores assegurarem-se das condições em que os dados foram obtidos, analisar em profundidade cada informação para descobrir possíveis incoerências ou contradições e utilizar fontes diversas, cotejando-se cuidadosamente. (GIL, 2008, p. 50)

Apesquisabibliográficatambéméindispensávelnosestudoshistóricos.Em muita ssituações,nãoháoutramaneirade conhecerosfatospassadosenãocombaseemdadossecundários. Todo trabalho de caráter científico, portanto, imprescindivelmente perpassam pela pesquisa bibliográfica.

3.2 COLETA DE DADOS

Conforme Gil (1995) a coleta de dados é o ato de pesquisar, juntar documentos e provas, procurar informações sobre um determinado tema ou conjunto de temas correlacionados e agrupá-las de forma a facilitar uma posterior análise.

A coleta de dados ajuda a analisar ponto a ponto os fatos ou fenômenos que estão ocorrendo em uma organização, sendo o ponto de partida para a elaboração e execução de um trabalho. Para a elaboração de um projeto com tema e delimitações já determinados o próximo passo é a coleta de dados e informações. (GIL, 1995, p. 158)

A coleta de dados pode ser através de dados impressos como jornais, revistas, arquivos históricos, livros, diários, dados estatísticos, biografias. Para Gil (1995, p. 158) as fontes escritas na maioria das vezes são muito ricas e ajudam o pesquisador a não perder tanto tempo na hora da busca de material em campo, sabendo que em algumas circunstâncias só é possível a investigação social através de documentos.

Nesse sentido, neste trabalho, serão apresentadas propostas metodológicas tendo como ferramenta as redes sociais, baseadas nas sugestões de autores que abordam sobre essa temática.

4. RESULTADO E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.1 REDES SOCIAIS E ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA

De acordo com os pressupostos teóricos de Pechi (2015, p. 03) que mais do que entreter, as redes podem se tornar ferramentas de interação valiosas para auxiliar no seu trabalho em sala de aula, desde que bem utilizadas. "O contato com os estudantes na internet ajuda o professor a conhecê-los melhor", afirma Levy (1996, p. 27). "Quando o professor sabe quais são os interesses dos jovens para os quais dá aulas, ele prepara aulas mais focadas e interessantes, que facilitam a aprendizagem", diz.

É natural que se esbarre numa questão delicada: qual o limite da interação? O professor deve ou não criar um perfil profissional para se comunicar com os alunos? "Essa separação não existe no mundo real, o professor não deixa de ser professor fora de sala, por isso, não faz sentido ele ter dois perfis (um profissional e outro pessoal)", afirma Betina. "Os alunos querem ver os professores como eles são nas redes sociais".

A autora ressalta ainda neste contexto, ser evidente que em uma rede social o professor não pode agir como se estivesse em um grupo de amigos íntimos. "O que não se pode perder de vista é o fato de que, nas redes sociais, o professor está se expondo para o mundo", afirma Pereira (2011) sociólogo e pesquisador do Grupo de Estudos Sociais da Ciência e da Tecnologia, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). "Ele tem que se dar conta de que está em um espaço público frequentado por seus alunos".

Por isso, no mundo virtual, os professores precisam continuar dando bons exemplos e devem se policiar para não comprometerem suas imagens perante os alunos. Os cuidados são de naturezas diversas, desde não cometer erros de ortografia até não colocar fotos comprometedoras nos álbuns. "O mais importante é fazer com que os professores se lembrem de que não existe tecnologia impermeável, mas comportamentos adequados nas redes", destaca Levy (idem).

A seguir, são listadas cinco formas de usar as redes sociais como aliada da aprendizagem e alguns cuidados a serem tomados, baseadas nas sugestões de Pereira (2011).

4.2 PROPOSTAS METODOLÓGICAS DE ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA POR MEIO DE REDES SOCIAIS

1º Proposta: MEDIAÇÃO DE GRUPOS DE ESTUDO

Convidar os alunos de séries diferentes para participarem de grupos de estudo nas redes - separados por turma ou por escolas em que você dá aulas-, pode ajudá-lo a diagnosticar as dúvidas e os assuntos de interesse dos estudantes que podem ser trabalhados em sala de aula, de acordo com os conteúdos curriculares já planejados para cada série.

Os grupos no Facebook ou as comunidades do Orkut podem ser concebidos como espaços de troca de informações entre professor e estudantes, mas lembre-se: você é o mediador das discussões propostas e tem o papel de orientar os alunos.

Todos os participantes do grupo podem fazer uso do espaço para indicar links interessantes ou páginas de instituições que podem ajudar em seus estudos. "A colaboração entre os alunos proporciona o aprendizado fora da sala de aula e contribui para a construção conjunta do conhecimento" explica Spiess.

2º Proposta: DISPONIBILIZAÇÃO DE CONTEÚDOS EXTRAS PARA OS ALUNOS

As redes sociais é um excelente espaço para compartilhar com os alunos materiais de multimídia, notícias de jornais e revistas, vídeos, músicas, trechos de filmes ou de peças de teatro que envolvam assuntos trabalhados em sala, de maneira complementar. "Os alunos passam muitas horas nas redes sociais, por isso, é mais fácil eles pararem para ver conteúdos compartilhados pelo professor no ambiente virtual".

Esses recursos de apoio podem ser disponibilizados para os alunos nos grupos ou nos perfis sociais, mas não devem estar disponíveis apenas no Facebook, WhatsApp e etc, porque alguns estudantes podem não fazer parte de nenhuma dessas redes. Para compartilhar materiais de apoio e exercícios sobre os conteúdos trabalhados em sala, é melhor utilizar espaços virtuais mais adequados, como a intranet da escola, o blog da turma ou do próprio professor.

3ª Proposta: PROMOVA DISCUSSÕES E COMPARTILHE BONS EXEMPLOS

O professor também pode aproveitar o tempo que os alunos passam na internet para promover debates interessantes sobre temas do cotidiano ajuda os alunos a desenvolverem o senso crítico e incentiva os mais tímidos a manifestarem suas opiniões.

Instigue os estudantes a se manifestarem, propondo perguntas com base em notícias vistas nas redes, por exemplo. Essa pode ser uma boa forma de mantê-los em dia com as atualidades, sempre cobradas nos vestibulares.

4ª Proposta: ELABORE UM CALENDÁRIO DE EVENTOS

Para facilitar o trabalho do professor, a autora propõe que o mesmo use o Facebook, por meio de ferramentas como "Meu Calendário" e "Eventos", o professor pode recomendar à sua turma uma visita a uma exposição, a ida a uma peça de teatro ao cinema. Esses calendários das redes sociais também são utilizados para lembrar os alunos sobre as entregas de trabalhos e datas de avaliações. Porém, vale lembrar que o facebook não pode ser a única fonte de informação sobre os eventos que acontecem na escola, em dias letivos.

5ª Proposta: ORGANIZAÇÃO DE UM CHAT PARA TIRAR DÚVIDA

A ideia é, organizar um chat e com alguns dias de antecedência, o professor pode combinar um horário com os alunos para tirar dúvidas sobre os conteúdos ministrados em sala de aula. Existe muitos meios em que o professor pode usar: chats do Facebook, do Google Talk, do MSN ou até mesmo organizar uma Twitcam para conversar com a turma - mas essa não pode ser a única forma de auxiliá-los nas questões que ainda não compreenderam.

A grande vantagem de fazer um chat para tirar dúvidas online é a facilidade de reunir os alunos em um mesmo lugar sem que haja a necessidade do deslocamento físico. "Assim que o tira dúvidas acaba, os alunos já podem voltar a estudar o conteúdo que estava sendo trabalhado", explica Pereira (2011).

4.3 CRITÉRIOS E CUIDADOS COM AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO

O professor precisa estabelecer as regras do jogo, para que assim os alunos ao adentrarem no grupo, já estejam por dentro de todas as regras. Segundo Pereira (2011), vale ressaltar que nos grupos abertos na internet, não se costuma publicar um documento oficial com regras a serem seguidas pelos participantes. Este "código de conduta" geralmente é colocado na descrição dos próprios grupos. "Conforme as interações forem acontecendo, as regras podem ser alteradas",

"Além disso, começam a surgir lideranças dentro dos próprios grupos, que colaboram com os professores na gestão das comunidades". Com o tempo, os próprios usuários vão condenar os comportamentos que considerarem inadequados, como alunos que fazem comentários que não são relativos ao que está sendo discutidos ou spam.

Outros problemas não devem ser ignorados quando se passa a utilizar as redes sociais no ensino de língua portuguesa. Primeiramente, é necessário estar atento aos direitos autorais, idade mínima para utilização da rede e o assunto abordado. Além disso, mais uma dificuldade neste tipo de projeto seria a estrutura física e humana da escola, tais como laboratório de informática, conexão com a internet e professor de apoio para acompanhar os alunos na parte técnica. Em caso de dificuldades neste quesito, as atividades ficariam mais restritas para fora da escola.

As soluções e os cuidados com os problemas supracitados estão centrados na atitude do professor. Como mediador, é de extrema importância que o ele esteja atento a tudo o que está sendo postado, mantendo assim um *feedback* para a maioria dos conteúdos discutidos nas atividades propostas nesse meio. Tal necessidade nos remete a uma questão que pode ser apontada como empecilho, que é tempo de trabalho fora do horário de aulas. Porém, o docente sempre utiliza um tempo fora da sala para preparação de aulas, correções e leituras.

Esse tempo poderia ser parcialmente ocupado para esse fim, proporcionando trabalhos mais concisos e de mais fácil correção, visto que já haveria um acompanhamento prévio do processo de criação dos mesmos. No caso de restrições técnicas, dentro da escola, uma boa solução seria o agendamento de um horário para verificar e responder qualquer comentário relevante dos alunos,

estimulando sua participação em casa. Muitas são as vantagens de se usar as redes sociais.

Caberá ao professor o papel de informar e conscientizar sobre o uso adequado da rede, assim como seus benefícios e seus males. Em uma reportagem de Ramos (2010), no jornal Tribuna de Minas, pude argumentar brevemente sobre a utilização e os problemas causados pelo uso abusivo das redes sociais, que, paradoxalmente, já eram um problema de sociabilização.

Outros problemas não devem ser ignorados quando se passa a utilizar as redes sociais no ensino de língua portuguesa. Primeiramente, é necessário estar atento aos direitos autorais, idade mínima para utilização da rede e o assunto abordado. Além disso, mais uma dificuldade neste tipo de projeto seria a estrutura física e humana da escola, tais como laboratório de informática, conexão com a internet e professor de apoio para acompanhar os alunos na parte técnica. Em caso de dificuldades neste quesito, as atividades ficariam mais restritas para fora da escola. As soluções e os cuidados com os problemas supracitados estão centrados na atitude do professor. Como mediador, é de extrema importância que o ele esteja atento a tudo o que está sendo postado, mantendo assim um *feedback* para a maioria dos conteúdos discutidos nas atividades propostas nesse meio. Tal necessidade nos remete a uma questão que pode ser apontada como empecilho, que é tempo de trabalho fora do horário de aulas.

Porém, o docente sempre utiliza um tempo fora da sala para preparação de aulas, correções e leituras. Esse tempo poderia ser parcialmente ocupado para esse fim, proporcionando trabalhos mais concisos e de mais fácil correção, visto que já haveria um acompanhamento prévio do processo de criação dos mesmos. No caso de restrições técnicas, dentro da escola, uma boa solução seria o agendamento de um horário para verificar e responder qualquer comentário relevante dos alunos, estimulando sua participação em casa.

O modo como a escola está organizada atualmente não está mais se adequando ao perfil da geração net; este público se envolve em várias atividades simultâneas, tem interesse em vários em vários campos do saber; nos conteúdos que estudam, nas atividades que realizam no dia-a-dia da escola só consideram significativas as atividades, conteúdos, disciplinas, avaliações, etc. nas quais percebem que estão sendo contemplados em relação a essa multiplicidade de

interesses e várias dimensões que compõem sua personalidade, sua integralidade enquanto seres.

Gardner (2000) defende que não há uma inteligência, mas sim múltiplas inteligências humanas, ou seja, que nós possuímos capacidade de aprender e apresentar habilidades em relação a várias áreas do conhecimento, e, sendo as inteligências múltiplas, a escola deve diversificar suas formas de atuação, priorizando não só as áreas da linguagem ou do conhecimento lógico-matemático, mas variando o leque de discussões e atividades para que se estimule todas as formas de inteligência e habilidades que podemos manifestar.

Face a expansão do uso das redes sociais, a escola, o processo educativo em si não pode ficar alheio ao papel que estas exercem nas formas de se expressar e relacionar da geração net; se é fato que estamos em uma configuração social diferente de todas as anteriores, então a educação também deve se renovar para atender as novas demandas formativas que estão surgindo neste contexto.

Assim, uma perspectiva que surge para a educação é a de utilizar as tecnologias em seus processos, principalmente as TIC's, e uma forma eficiente de fazer isso é trazer para as práticas, conteúdos e demais atividades da escola o uso das redes sociais, já que estas exercem tanto fascínio entre esse público

Porém, a utilização das redes sociais na escola, ainda é uma discussão controversa; muitos profissionais apresentam sérias resistências ao uso das mesmas ou de quaisquer outros recursos tecnológicos na escola, seja por desconhecimento do funcionamento dos mesmos, preconceito ou incapacidade de realizar uma transposição pedagógica de seus conteúdos para um meio que não seja a sala de aula presencial e seus recursos tradicionais – quadro, giz, projetores, livros didáticos.

Na perspectiva de desenvolver as variadas formas de inteligência que o ser humano possui, o pensamento crítico-analítico dos educandos, é válido que se utilizem recursos diferenciados no processo de ensino-aprendizagem, recursos estes mais “conectados” com a realidade desse público, do qual a escola não pode se manter distante.

Ou seja, considerando que o perfil do aprendiz não é mais o mesmo de antes, e que também as fontes de informação, os estímulos e desafios são mais variados, fazendo com que as crianças e jovens de hoje sejam mais ativos, questionadores e participantes em seu processo de aprendizagem. Eles

procuram conhecimentos que sejam válidos, úteis e relacionados às suas atividades e muitos não se identificam com perspectivas tradicionais de ensino, nas quais lhes é dado o papel de mais contemplar o saber do que participar da construção do mesmo.

Assim, ao introduzirmos o uso das redes sociais na escola, podemos junto com elas inovar o cotidiano das atividades da escola em relação aos seguintes aspectos: atratividade, interatividade, inovação, diversidade, entre outros, os quais, sem dúvida podem servir como elemento motivador dos alunos em relação a sua aprendizagem.

5. CONCLUSÃO

Com esta pesquisa, observa-se que não se tem como fugir da influência das redes sociais na vida dos jovens. Assim, ignorar a influência dessas redes virtuais na vida das pessoas e, conseqüentemente, não se trabalhar com elas no ambiente educacional, principalmente, no ensino de Língua Portuguesa pode ser um fator limitador. Numa sociedade cada vez mais acostumada a gêneros textuais escritos emergentes e multifuncionais, torna-se imprescindível o uso das redes sociais no trabalho com o multiletramento.

Todas as propostas sugeridas nesta pesquisa são direcionadas exclusivamente para o desenvolvimento da leitura e escrita, e essas habilidades são imprescindíveis para o ensino da Língua Portuguesa, uma vez que com isso se tem maior motivação dos alunos, aumentando a participação, inclusive em sala de aula. No que concerne à função de um texto, pode-se observar uma maior eficácia na construção da mensagem, pois ela passa a ser lida por várias pessoas, numa função mais visível para esse aluno.

Com tantas possibilidades, as redes sociais podem ser eficazes no processo de ensino/aprendizagem, proporcionando maior interatividade e participação dos alunos em determinados assuntos. Contudo, uma constante vigilância do professor se faz necessária. As redes sociais podem se tornar um risco à exposição excessiva da imagem, danos à reputação, propagação de vírus, roubos de dados pessoais, além de um convite a pessoas mal intencionadas.

Com um cuidado e atenção ao que os alunos estão postando nos ambientes criados para esse processo de educação e, acima de tudo, conscientizando-os dos benefícios e perigos da popularização nas redes, o resultado pode ser extremamente satisfatório. É valioso aplicar, logicamente, nos limites de cada escola e professor, o uso das redes sociais na educação.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Irandé. **Língua Portuguesa: Encontro e Interação**. Ed. Contexto, 2009
- AZEVEDO, L. **O Ensino da Língua Portuguesa na era digital**. Ed. Scipione, 2012
- BUZATO, O. **As redes sociais no ensino: ampliando as interações sociais na web**. Disponível em: <http://www.conexao.professor.rj.gov.br/temas-especiais-26h.asp>. Acesso em: 08 de Novembro de 2010
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília – 1997
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização & Linguística**. São Paulo: Scipione, 1992.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1996
- GARDNER, Howard. **Inteligências múltiplas: a teoria na prática**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000. (Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese)
- HARASIM, Linda (Et al). **Redes de aprendizagem: um guia para ensino e aprendizagem on-line**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.
- LÉVY, Pierre. **O que é virtual?** São Paulo: Editora 34, 1996
- KOCH, Ingedore Villaça. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **O tratamento da oralidade nos PCNs de Língua Portuguesa de 5ª a 8ª séries**. Scripta, Belo Horizonte. 2008
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas da Pesquisa Social**. Ed. Atlas, 6ª Ed. São Paulo, 1995
- GOLDSTEIN, N.; LOUZADA, M. S.; IVAMOTO, R. **O texto sem mistério: leitura e escrita na universidade**. São Paulo: Ática, 2009
- NASPOLINI, Ana Tereza. **Leitura e produção escrita**. São Paulo: FTD, 1996.
- PECHI, L. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. 2ª Ed. Campinas, SP: Papirus, 2015.

PEREIRA, João Thomaz. **Educação e sociedade da Informação**. In: COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elisa (orgs). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2011.

TAPSCOTT, Don. **A hora da geração digital**. Rio de Janeiro: Editora Agir, 2010.

SANTOS, João Francisco do. **Proposta curricular: Ensino fundamental**. Recife: UFPE, 1998.

SETTON, M. G. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, E. T. Rede Social e Internetês. In: Magnani, Maria Aparecida et al. (Org.) **Leitura: Caminhos da Aprendizagem**. São Paulo: FDE, 2011.

SILVA, Jomar. **10 cuidados que devemos tomar em redes sociais**. IN: Revista Espírito Livre. Dezembro de 2009. Pp 28-32. <Disponível em: [HTTP://revista.espiritolivre.org](http://revista.espiritolivre.org)>

XAVIER, A. C.; MARCUSCHI, Antônio. (orgs.) **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção do sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.